

A CARTOGRAFIA INCLUSIVA PARA CEGOS

*Marcos Daniel Neves da Silva (ICV/UFPI), Mugiany Oliveira Brito Portela (Orientadora.
Departamento de Geografia e História – CCHL, UFPI)*

Introdução

Sabe-se que, ao longo dos tempos, as pessoas que apresentavam deficiências eram tidas como doentes, aberrações, anormais e vítimas de discursos preconceituosos. Tudo isso, por não atenderem aos padrões de uma sociedade dita normal. Dessa forma, faz-se necessário incluir os deficientes visuais nos mais variados campos sociais, principalmente no processo de ensino-aprendizagem.

Esta pesquisa percorreu três objetivos específicos de investigação, a saber: Conhecer as referências teóricas referentes ao estudo da cartografia inclusiva; Identificar as metodologias de ensino-aprendizagem no campo da cartografia para pessoas de baixa visão e cegas e, por último, fomentar propostas que auxiliem na efetivação da aprendizagem cartográfica.

Metodologia

A cerca dos instrumentos de investigação, metodologia baseou-se na leitura de livros, artigos, dissertações, teses, Anais de eventos e em web sites que versam sobre o assunto proposto contribuído para a fundamentação teórica da pesquisa. Sendo este organizado em seções que discutem desde as definições de alguns termos e conceitos, como a apresentação de tabelas e figuras ilustrativas, no sentido de facilitar o entendimento e a aquisição do conhecimento aqui expostos.

Resultados e Discussão

De acordo com IBC (2011) os deficientes visuais são incluídos em dois grandes grupos, o primeiro inclui a cegueira que se remete as pessoas sem nenhuma acuidade visual, ou seja, sem o sentido da visão e no segundo grupo se enquadram as pessoas de baixa visão, sendo aqueles que apresentam desde a capacidade de perceber luminosidade até o grau em que a deficiência visual interfira ou limite seu desempenho.

O deficiente visual, ao aprender Geografia tem o mesmo objetivo que o aluno vidente, sentir-se preparado para o exercício da cidadania. Deve ter a ideia de pertencer a certa realidade, integrada pela relação sociedade-natureza que estão em constantes transformações (ALVES, 2001).

Nesse sentido, localizar e representar são fundamentos imprescindíveis que auxiliam o desenvolvimento do raciocínio lógico, facilitando o entendimento das distribuições espaciais e da relação entre o indivíduo e o meio.

A cartografia é a linguagem da geografia. Os mapas físicos, políticos e temáticos revelam os aspectos visíveis da superfície, da paisagem e das fronteiras políticas (FRANCISCHETT, 2005).

A importância em adquirir o conhecimento da linguagem cartográfica e a leitura de mapas é imprescindível, na medida em que possibilita o próprio exercício da cidadania. Assim, Almeida (2006) nos esclarece que o mapa tornou-se um instrumento comum na vida cotidiana das pessoas seja presente nos meios de comunicação como a televisão, jornais, internet etc.

Nesse sentido, o ensino de geografia exige o uso de instrumentos específicos para a construção de conceitos. São habilidades e competências relacionadas ao caráter procedimental, ou seja, metodológico, sendo necessário o desenvolvimento de estratégias metodológicas específicas, sobretudo, para alunos cegos.

Almeida (2011) em sua formulação destaca a importância do convívio afetivo entre professor e aluno cego:

“A confiança mútua na relação professor e aluno, a valorização do conhecimento adquirido na vida cotidiana e o bom convívio com os colegas abrem os caminhos para o aprendizado e para as novas descobertas sobre o espaço geográfico” (ALMEIDA, 2011, p. 119).

A criança cega tem dificuldade de relacionar o seu conhecimento com o cotidiano pelo fato de não conhecer muito lugares. O professor, portanto precisa ensiná-lo a usar a imaginação, isso pode ser feito por meio de mapas mentais (figura 3), manipulação de maquetes, mapas e jogos táteis. Segundo as palavras de Fonseca (1999) a cartografia e os mapas táteis: proporcionam à criança cega um ganho considerável em relação ao desenvolvimento da percepção tátil e espacial, ampliando de forma significativa seus conhecimentos, levando o aluno a ser um leitor consciente da organização do seu espaço e sua representação, tornando-se um ser autônomo, crítico e reconhecedor da organização do espaço atual.

Crozara (2008) entende que para a criança cega consiga compreender de forma significativa as informações que são transmitidas por meio de um mapa é preciso desenvolver já nas séries iniciais as habilidades tátil-espaciais, onde o tato deve ser treinado extensivamente na discriminação de aspectos de diferentes materiais, tais como forma, textura e peso.

Além disso, nas aulas práticas, a utilização dos recursos estimulam os alunos a explorarem também em conjunto, assim como a troca de informações entre si, criando um ambiente cercado de desafios e descobertas. De acordo com Almeida (2011) esse processo de descobrir algo junto com colegas de classe estimula o uso dos sentidos e traz o lúdico para o ambiente escolar.

Conclusão

Um dos grandes desafios em nossa sociedade atual é desmistificar a ideia de que pessoas portadoras de alguma deficiência são incapazes, para tanto, faz-se necessário todo um trabalho de reeducação de valores e na convivência com a heterogeneidade.

A cartografia tátil no dia a dia dos deficientes visuais surge nas escolas como alternativa metodológica de ensino e aprendizagem e, ao mesmo tempo, de novos espaços de debates e reflexões. Ainda espera-se que novas iniciativas de todo o conjunto da sociedade no âmbito da política, da pedagogia, enfim de todos os segmentos, promovam condições efetivas de convívio com as diferenças pautadas no princípio de todos estarem juntos do ponto de vista da inclusão social e dos direitos humanos.

Apoio: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI.

Referências

ALMEIDA, L. C. de, **Uma Cartografia Muito Especial a Serviço da Inclusão Social**, *in*: COBRAC 2006 - Congresso Brasileiro de Cadastro Técnico Multifinalitário - UFSC Florianópolis - 15 a 19 de Outubro 2006.

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Novos rumos da Cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

ALVES, Márcia E. **Os mapas nos livros didáticos da Geografia da 5ª Série do ensino fundamental**. Boletim de Geografia. N. 2, 2001. p. 309-315.

CROZARA, T. F; SAMPAIO, A. A.M. **Construção de material didático tátil e o ensino de geografia na perspectiva da inclusão**. VII Encontro Interno. XII Seminário de Iniciação Científica. Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

FRANCISCHETT. M. N. **Estratégias e tentativas do licenciando em geografia para trabalhar mapas com alunos cegos no ensino fundamental**. 2005

IBC - Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <http://www.ibr.gov.br/>. Acesso em: 16 de Abril de 2011.

Palavras-chave: Cartografia. Cegos. Inclusiva.